



## IDENTIDADES TRANSGRESSORAS: RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE JOVENS HOMOSSEXUAIS E FAMÍLIAS CRISTÃS

Evanilda Teles dos Santos Pedrosa <sup>1</sup>  
Maria de Fátima Araújo Di Gregório <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa apresentar uma breve análise sobre as relações étnicas entre filhos homossexuais e famílias cristãs, e como estas por sua vez, contribuem para a construção da identidade destes jovens. Uma vez que as questões das identidades estão em ampla discussão no cenário atual, visamos discorrer um estudo a partir dos embasamentos teóricos sobre a construção das identidades dos sujeitos e suas relações com o outro. No contexto das relações de grupos vivencia-se confrontos em defesa da igualdade de direitos e liberdade sexual. A modernidade não comporta a categorização de uma identidade marcadamente fixa, pronta e acabada, uma vez que as identidades se tornam essência, se tornam problemas. A família contemporânea passa por mudanças em sua organização e estruturação, em especial na construção das subjetividades dos seus membros, sendo estes sujeitos dotados de afetos e intimidades, buscam gozar de seus direitos em prol da liberdade sexual e domínio de seus corpos. Nesta permissão pretendemos discutir como os jovens homossexuais constroem suas identidades étnicas no contexto da família cristã. Por outro lado, averiguar a construção da identidade étnica dos filhos homossexuais sob o interdito das famílias cristãs. Uma vez que a questão da identidade está sendo extremamente discutida na teoria social.

**Palavras-chave:** Família. Homossexualidade. Identidade. Relações Étnicas.

### INTRODUÇÃO

As transformações sociais impulsionam as relações interpessoais, reformulando conceitos, avançando em tecnologias e novas expressões. Os conceitos de famílias e de casamento, conseqüentemente passaram por mudanças nas últimas décadas, isso porque jovens homossexuais manifestam seu desejo e reivindicam novos relacionamentos, impulsionando discussões sobre o postulamento de novas ordens sociais. Nos últimos 30 anos, grupos que eram contestados, exclusivos, declarados amaldiçoados, passam a ter um espaço bem mais discutido e de luta. Hoje em dia, esses grupos, de acordo com a ordem moral e conduta social que a sociedade impõe, passa a lidar com a liberdade sexual demonstrando

---

<sup>1</sup> Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia PPGERC/UESB - BA; [vanynh4@hotmail.com](mailto:vanynh4@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador, professora permanente da linha 2 do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/UESB - BA; [f.digregorio@hotmail.com](mailto:f.digregorio@hotmail.com)



uma maior aceitação, afastando a ideia de que ser homossexual é ter uma patologia, como grupos radicais afirmam.

Atualmente, as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis e de acordo com Hall (1998), as implicações sempre transitórias e prófugas de processos de identificação, tornando mais consistentes, como a de mulher, homem, que estão em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações sexuais que de uma época para outra, tem dado corpo e vida às identidades, que são, pois, identificações em curso – sucessivas (re)construções entre contexto e texto dos mais diversos.

Uma vez que a questão da identidade está sendo extremamente discutida na teoria social, o argumento vale-se da ideia que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e o indivíduo moderno está em invisibilidade e conflito. Assim a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança e movimento que está deslocando as estruturas e processos centrais são deslocadas, abalando os quadros de referência que até então dão aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1998, p. 7).

Essas mudanças estruturais para Hall (1998) estão em transformação na sociedade atual que está se fragmentando com as novas construções culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Tais transformações estão também mudando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de que os próprios sujeitos são integrados gerando a perda de um “sentido de si” estável, é chamada algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito, pois no passado, eram fornecidas sólidas localizações, hoje não mais.

Em análise aos processos atributivos e designativos da identidade, Poutignat e Streiff-Fenart (1998), mencionam que a mesma consiste em “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo ‘étnica’ é tornada pertinente para os atores”. Sendo assim, a identidade étnica está fundamentada numa concepção de si dentro fruto de uma circunstancial e a ideia pensada por Hall (1998, p. 13), postulando seu conceito de identidade marcadamente não fixa, unificada, e estáveis ao dizer que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, já que as mesmas são unificadas ao redor de um “eu” coerente, porém em movimento. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Este mesmo autor observa que tais concepções remetem ao fato de que não existe uma identidade prévia, inata, mas processos de identificação que vão se construindo ao longo da existência. Tais processos são influenciados pelos diversos atravessamentos que constituem

os sujeitos - classe social, raça, etnia, religião, gênero, etc. e estes estarem sempre em formação, a identidade caracteriza-se pela incompletude.

Assim, a estrutura do comportamento se mostra uma relação entre a consciência e o mundo, e jamais cortada por pontos finais. Sendo um traço de união entre o que foi e o que será, é antes de tudo memória (BOSI, 2004, p. 52). Neste propósito, busca-se compreender o funcionamento das famílias contemporâneas a uma nova concepção dos indivíduos em relação a outros grupos de pertencimento e, particularmente, em relação à família e à identidade de gênero e seus conflitos entrelaçados à igreja. Há de se perceber que mesmo em meio a tantas mudanças sociais, o dogmatismo religioso predomina nas famílias tradicionais, sendo estas educadas e moldadas nos princípios religiosos judaico-cristãos, nos quais o modelo de família religiosa é predominante. Em contraponto a estes princípios, as famílias perpassam por sucessivas mudanças quanto à orientação sexual dos filhos, uma vez que no seio desta instituição nuclear, surge a homossexualidade.

Na evolução dos modelos de família, preservar a família tradicional formada pelo casamento sexista e a postulação de novos costumes e valores com respeito ao ser humano e suas opiniões, tem sido visto como direito inerentes à personalidade humana, impondo o reconhecimento de novas modalidades de família, respeitando as intrínsecas diferenças que compõem os seres humanos. Eis o desafio das práticas docentes e de vida.

Para Roudinesco (2003) não basta, portanto, definir a família de um simples ponto de vista antropológico; sendo preciso saber qual a sua história e como se deram as mudanças que caracterizam a desordem de que parece atingida na atualidade. [...] Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento entre homem e mulher com a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros: um *genos*, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa etc.

Na perspectiva de Donati (2004), a família mediava as relações externas no sentido de conferir não apenas uma identidade marcante, não modificável ou modificável apenas em parte e com fadiga, mas, sobretudo, aos indivíduos um número muito restrito de possibilidade de alcançar certas posições sociais externas. Nos sistemas sociais modernizados, porém, a mediação social da família deixa de ser rígida e obrigatória e essa tem outra dinâmica.

Para Roudinesco (2003) a família ultrapassa os limites da casa, envolvendo a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando se frustram as expectativas de se ter uma casa e realizar papéis masculinos e femininos. Nesse sentido, sem ordem paterna, sem lei simbólica, a família mutilada das sociedades pós-industriais seria, dizem, pervertida em sua própria

função de célula de base da sociedade. A vida familiar apresenta-se em muitas sociedades, como hábitos sexuais e educativos muito distantes dos nossos (ROUDINESCO, 2003, p. 8-9).

Nos relatos, as concepções sobre a homossexualidade dos filhos advindos de famílias cristãs, nas explanações de “vergonha”, “decepção”, “medo” e “preconceito” dos pais, dos amigos e da sociedade, sendo muitas vezes intitulado como “doentes”, pela orientação sexual. Jovens sendo tratados como se estivessem com uma patologia a ser medicada, ou seja, a ser moldada, reformulada ou reinventada. Por outro lado, hoje, a educação familiar se transformou, depreciando a obediência e valorizando a iniciativa, a autonomia e a satisfação pessoal. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como *"política de identidades"* (STUART HALL, 1997 *apud* LOURO, 2000, p.4).

Por outro lado, jovens experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade; uniões afetivas e sexuais estáveis entre sujeitos do mesmo sexo se tornam crescentemente visíveis e rotineiras; arranjos familiares se multiplicam e se modificam [...] Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto.

Partindo da temática gênero, Modesto (2011) enfoca que o conceito de homossexualidade que se adota insere no contexto da diversidade sexual humana. Os jovens confusos, com depressão ou autoestima muito baixa, falam em suicídio, e muitos internalizam a noção de que deveriam sentir-se atraídos pelo gênero contrário ao deles, e isso não acontece. Embora se façam, no mundo inteiro, tantas pesquisas a seu respeito, a sexualidade humana continua sendo um mistério. Até hoje, os pesquisadores não têm dados seguros que comprovem o motivo pelo qual a maioria das pessoas é heterossexual, mas há pessoas que são homossexuais. Já foi confirmado, contudo, por instituições internacionais e nacionais, que a homossexualidade não é uma doença.

Freud (1995) um dos pioneiros nos estudos da sexualidade humana nos seus aspectos psicológicos, em sua obra “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”, escrita em 1905, mostra que a sexualidade ocorre nas crianças quase desde o seu nascimento, e que a prática sexual entre os adultos pode ser bem mais livre do que supunham os teóricos moralistas do começo do século. O autor traz ao mundo ocidental uma teoria de cunho psicanalista com

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br  
[www.desfazendogenero.com.br](http://www.desfazendogenero.com.br)

aspectos antropológicos da família e da sociedade fundada em dois elementos importantes: a culpa e a lei moral. Podemos deduzir daí a ideia, se quiserem freudiana, segundo a qual as condições da liberdade subjetiva e o exercício do desejo supõem sempre um conflito entre o um e o múltiplo, entre a autoridade e a contestação da autoridade, entre o universal e a diferença, mas que nunca se com o gozo pulsional ilimitado tal como o vemos em prática, por exemplo, no crime, na crueldade, ou na negação sistemática de todas as formas do *logos* separador ou da ordem simbólica (ROUDINESCO, 1944, p. 41).

Nesse contexto de discussão sobre gênero e sexualidade, surge a figura do filho que sobre o interdito da família cristã, suporta com muita dor a depressão e fala assim: “Só não tive coragem de morrer... Um sentimento de fracasso e derrota me frustra diariamente, por não poder me abrir com meus colegas, meus familiares... Eu me sinto só, apesar de ter ouvido que Jesus é o melhor de todos os meus amigos e que poderia me ajudar...”. Seguidamente outra fala na igreja: “Não vivo, me acho diferente dos outros e sou, mas se fosse apenas isso... É que me sinto incapaz de ser feliz. Não saí da igreja, mas mesmo quando estava protegido pelas paredes do templo, sentia um vazio e uma vergonha indescritíveis, porque pensava nunca poder ser amado por Deus, apesar de ter ouvido que ele era um Deus de amor, o próprio Amor”.

Sendo assim, o funcionamento interno das famílias se transformou, abrindo espaços para a expressão pessoal e para a autonomia de cada um de seus membros. Um novo quadro de vida familiar foi progressivamente sendo reelaborado.

## **METODOLOGIA: COMPREENDENDO O FENÔMENO DA “CURA GAY” NO LAR CRISTÃO**

Percorrer um trajeto em busca de respostas para alguns questionamentos no âmbito da pesquisa acadêmica muitas vezes parece ser uma tarefa simples, porém a escolha do método nos levará a compreender o universo de pesquisa e os sujeitos que permeiam neste espaço. Dado o exposto, a presente artigo visa analisar através da revisão de literatura de que maneira as famílias cristãs tem interferido na construção da identidade étnica dos filhos homossexuais, buscando compreender essa dinâmica, tendo como viés metodológico a Fenomenologia, uma vez que ela procura compreender o fenômeno, aquilo que se manifesta por si mesmo, de modo que não o parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, de crenças ou de afirmações sobre o mesmo, enfim, um referencial teórico. A intenção da

fenomenologia é abordar o fenômeno diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar sua essência. (MARTINS; BICUDO, 1983, p.10).

O crescente movimento ocorrido no campo das Ciências Social elucida o desejo em compreender os espaços e os sujeitos inseridos neste contexto. Nesta perspectiva, valida-se o viés em que tal olhar para estes corpos, não apenas enquanto corpo biológico, mais corpo marcado por fatores sociais e produtores culturais. Assim, no campo das ciências humanas discorre sobre o campo das mudanças de paradigma científicos positivistas para o olhar sobre o paradigma das subjetividades. O campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições (MINAYO, 2002, p. 10), assim, tendo em vista o desenvolvimento desta pesquisa, que é de ordem social e de natureza qualitativa, com uma abordagem fenomenológica, pois, visa compreender o fenômeno da homossexualidade no contexto das famílias protestantes e as dinâmicas estabelecidas nas relações de grupos, e uma vez que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo, e é desse caráter a metodologia para reconstruir teoricamente seu significado e as suas representações.

## **HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO: IDENTIDADES EM CURSO**

Com o desenvolvimento da sociedade civil, o século XXI foi marcado pelo acalorado discurso jurídico e religioso, ampliando os debates acerca da liberdade sexual e a garantia dos direitos civis de homossexuais e lésbicas.

Esta característica muito peculiar da contemporaneidade nos remete as confissões sobre o ativismo religioso e um amplo conflito sobre a importância dos direitos humanos, uma vez que a preocupação da esfera religiosa sobre os direitos humanos, concentra-se no cenário político e econômico, nos interesses do Estado. Tais aspectos nos faz refletir sobre as encruzilhadas eruditas sobre as questões de gênero e a religião, de certo que as tensões existentes entre as esferas públicas e privadas acalorou a modernização dos costumes, perpassando pelas instituições religiosas de modo cada vez mais dogmático.

O embate entre a religião e os direitos humanos sempre foram apontados pelos movimentos feministas, denunciando o papel das instituições religiosas como reguladoras das normas, estereótipos e legitimadoras das desigualdades entre homens, mulheres, gays e lésbicas.

Se as instituições em geral violam os direitos, como elas permanecem exercendo seu poder normativo até os dias atuais? Somos sujeitos regulados pelo viés ideológico (econômico) de um agente social, uma vez que como reguladora das ações do Estado, ela

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br  
[www.desfazendogenero.com.br](http://www.desfazendogenero.com.br)

tenta exercer sobre os corpos o poder neutralizador, aprisionando-o em seus dogmas. Trata-se de discutir o inconsciente histórico nas relações sociais, nas relações de poder, interferindo na construção das identidades dos sujeitos.

Os estudos sobre a identidade étnica tem sido um tema importante nas ciências sociais, pois trata especificamente da relação indivíduo/sociedade. No entanto, o pensamento social sobre as questões étnicas e raciais compartilhou uma perspectiva eurocêntrica resultado de um “evolucionismo social” onde a história é concebida a partir de uma linearidade sem levar em consideração os diversos contextos políticos e condições sociais na relação que se estabelece entre indivíduo e sociedade (ATHIAS, 2007, p. 16).

Entre todas as identidades que o indivíduo pode ter, a identidade étnica é a que responde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa por excelência o “refúgio” de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós. Esta propriedade de etnicidade é realçada por uma utilização abundante de metáforas, como as de “lar” (*house, home, mansion*), do arco, do templo, da matriz, que reforçam os *priori* do autor mais do que trazem qualquer demonstração de sua tese (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998, p. 90).

Santos (1993) explana que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação,

A preocupação com a identidade não é, obviamente, nova. Podemos dizer até que a modernidade nasce dela e com ela. O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade. O colapso da cosmovisão teocrática medieval trouxe consigo a questão da autoria do mundo e o indivíduo constituiu a primeira resposta.

Este processo histórico de contextualização e de recontextualização de identidades culturais vem sendo interrompido violentamente por um ato de pilhagem política e religiosa que impõe uma ordem que, por se arrogar o monopólio regulador das consciências e das práticas, dispensa a intervenção transformadora dos contextos, da negociação e do diálogo. Assim se instaura uma nova era de fanatismo, de racismo e de centrocentrismo.

O vínculo religioso foi progressivamente marginalizado por várias vias, pela repressão violenta (nas proibições de culto e confisco dos bens da Igreja), pela substituição de funções (nas diferentes formas de secularização protagonizadas pelo Estado, dos ritos funerários à educação), e pela acomodação em posição de subordinação (nas leis de separação da Igreja e do Estado). A secularização das práticas sociais foi particularmente intensa. [...] O verdadeiro

debate sobre as prerrogativas rivais da religião e do Estado sobre o controle da educação dos cidadãos, um debate que foi impedido pela Igreja.

Quanto ao vínculo étnico, a sua descaracterização teve um lugar através da anátema lançado sobre todas as formas de “primordialismo” que não correspondessem à base étnica do racismo dominante e da sua absorção no conceito de nação, um conceito inventado ora para legitimar a dominação de uma etnia sobre as demais, ora para criar um dominador sociocultural comum suficientemente homogêneo para poder funcionar como base social adequada à obrigação política geral e universal exigida pelo Estado, autodesignado assim como Estado-nação. Este processo de homogeneização foi tanto necessário quanto mais complexa era a base étnica do Estado (SMELSER, 1991 *apud* SANTOS, 1994, p.37).

Hall (1990) a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. Uma vez que:

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 1998, p. 21).

As pessoas que sustentam que as identidades modernas estão sendo fragmentadas argumentam que o que aconteceu à concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi simplesmente sua desagregação, mas seu deslocamento. Elas descrevem esse deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.

O complexo mundo moderno não mais comporta a possibilidade de uma identidade cabal, com base na qual se possa falar de uma vida “acabada”, “plena”, como a do patriarca Abraão – e, por extensão, de um conjunto social harmonioso (COHN, 2018, p.34). Portanto, neste contexto paradigmático, requer pensar nas subjetividades que implicam na construção das identidades, uma vez que elas são construídas e reconstruídas a partir de outras dimensões sociais e afetivas.

A leitura que pensadores psicanalíticos, como Lacan, fazem de Freud é que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, mas é formada em relação com os outros; especialmente

(83) 3322.3222

nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras maternas e paternas. Naquilo que Lacan chama de “fase do espelho”, a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se “imagina” a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira” (LACAN, 1988 apud HALL, 1997, p.37).

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com seus sistemas simbólicos fora dela mesma e é assim, o momento da sua estrada a vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre o amor e o ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso de rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes “boa” e “má”, a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos-chave da “formação inconsciente do sujeito” e que deixa o sujeito “dividido” permanecem na pessoa por toda a vida.

A discussão acerca da homossexualidade dentro do contexto cristão protestante não é algo fácil, pois os discursos dos sujeitos que permeiam neste espaço são doutrinários, sobrecarregado de dogmatismos religiosos. Compreender o contexto familiar cristão nos requer uma longa jornada sobre estudos hermenêuticos bíblicos e da história das religiões. A igreja cristã protestante a qual nos debouçaremos neste estudo, surge em meados do século XVI com a Reforma Protestante, esta que por sua vez, se deu devido ao inconformismo do padre Martin Lutero sobre as práticas adotadas pela igreja católica. Sim, mas se o fundamento do protestantismo está em não aceitar as velhas práticas de exclusão e condenação dos adeptos, como este mesmo contexto religioso condena, exclui, amaldiçoa os filhos de seus pelas suas práticas?

Conforme Mott (2001) a homofobia judaico-cristã tornou-se ainda mais violenta nos nossos em nosso país, devido ao escravismo colonial, na medida em que os “efeminados” eram vistos e tratados como perigosa ameaça à hegemonia do macho branco e a continuidade do projeto do colonizador do Novo Mundo. Uma revolução positiva se faz necessário, pensar sobre as práticas discriminatórias e de exclusão que permeiam em nossa sociedade, repensar o projeto civilizatório, a fim de reduzir as taxas de violência, tragédias e mortes da população LGBTIQ+.

Para Hall (2006) o homem moderno permaneceu atrelado aos ativismos culturais mais tribais. Embora se perpetue a ideia de um projeto civilizatório heteronormativo, as relações de gênero e a homossexualidade buscam veementemente lutar contra toda forma de tanta violência, morte e tragédia, ainda que sem sucesso numéricos, só resta a resistência. Pois no contexto atual nos quais estamos inseridos necessitamos refletir sobre as relações familiares, sociais e educacionais, pensar neste sujeito subjetivo que luta em busca de reconhecimento pelos seus méritos, sentimentos e ações, não pela sua orientação sexual. Ser homossexual em um lar cristão é em sua essência condena-se a morte: emocional, social/familiar e até mesmo física.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e, não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com eles e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, ao invés de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude de identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas, através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 1998, p.38-39).

Tudo parece ter começado a mudar nos últimos anos e as revisões profundas pelas quais estão passando os discursos e as práticas identitárias deixam no ar a dúvida sobre a concepção hegemônica da modernidade que se equivocou na identificação das tendências dos processos sociais, ou se tais tendências se inverteram totalmente em tempos recentes, ou ainda sobre se está perante uma inversão de tendências ou, antes, perante cruzamentos múltiplos de tendências opostas sem que seja possível identificar os vetores mais potentes.

Tendo em vista a análise dos interditos das famílias em seu processo de construção identitárias Roudinesco (2003) aponta que os últimos levantamentos e laudos contemporâneos sobre a família ou sobre a situação das famílias têm como corolário novos estudos sexológicos sobre os casais e acasalamentos mais requintões. Ela se entregaria ao hedonismo, à ideologia do “sem tabu”. Monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente, atacada do interior por pretensos negadores da diferença entre os sexos, a família não seria mais capaz de transmitir seus próprios valores. Como consequência,

o Ocidente judaico-cristão e, pior ainda, a democracia republicana estariam ameaçados de decomposição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transgredir a heteronormatividade é arrisca-se a beira do precipício. Vivemos em uma sociedade marcada pelo medo, pela subordinação e silenciamento de vozes que querem dominar os seus corpos, suas vidas em prol dos seus direitos e liberdade sexual. Assim, ponderamos esta discussão sobre a construção das identidades étnicas de jovens homossexuais advindos de famílias cristãs.

Deste modo, compreendemos que a construção da identidade dos sujeitos não é algo pronto, definido, moldado a partir da vivência com outros sujeitos em sua rede de relações interpessoais. Está por sua vez, é uma produção social. Para Hall (1998) pensar em uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Uma vez que ela muda de acordo como o sujeito é interpelado ou representado.

Abranger as discussões sobre a família é um desafio para as Ciências Sociais, pois o modelo de família representado pelo Estado, é uma análise do patriarcado, indo de encontro com as novas configurações e modelos familiares da pós-modernidade. Ela encontra-se em constantes transformações a partir das relações sociais.

A família cristã, constituída para amar, zelar e educar seus filhos dentro dos ensinamentos judaico-cristãos, assumem uma nova postura quando suas estruturas são abaladas pela presença se elementos que não constituem seu dogmatismo. Em meio a turbulências sociais e culturais ela se reorganiza para adapta-se a realidade que a permeia. Uma vez que este modelo familiar tradicional se depara em confronto com seus ensinamentos e modelos educacionais, surge as crises em seu cotidiano.

Ser homossexual em um lar cristão é reinventar-se o tempo todo. Estigmatizados pela orientação sexual estes jovens enfrentam a solidão, a rejeição e o isolamento familiar. Tal situação gera crise no sistema organizacional familiar, que se desestabiliza devido a situações que fogem do seu controle normatividade.

Estes jovens passam a serem rotulados, endemoniados, aprisionados por seus familiares e pelos próprios medos, condenados a carregar a culpa pelos seus desejos, pela orientação sexual, pelo “descontrole” de seus corpos. Corpos marcados pelas suas subjetividades, pelas identidades em construção, pela formação do ser, do sou.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ATHIAS, Renato. **A Noção de Identidade Étnica Na Antropologia Brasileira**: de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira / Renato Athias; apresentação Edvânia Torres. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. – 3ª. Ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3ª ed. – Porto Alegre: Penso, 2014.

DONATI, Pierpaolo. **Família do Século XXI: abordagem relacional**. – São Paulo: Paulinas, 2008.

FREUD, Sigmund e Ludwig Binswanger. **Correspondance 1908-1938**. Paris, Calmann-Lévy, 1995.

GRAHAM, R. Gibbs. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre – RS: Artmed Editora, 2009.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª Edição. DP & A editora, 1998.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição. Autêntica, Belo Horizonte 2000.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MODESTO, Edith. **Religiosidade e Homossexualidade: como conciliar?** Vida Pastoral • ano 55 • nº-297, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

SMELSER, Neil. **Social paralysis and social change: british workingclass education in the nineteenth century**. Berkeley, University of California Press, 1991.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.



POUTIGNAT, Philippe. **Teorias das Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth** / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família Em Desordem**. Tradução André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.